

Artes Plasticas

Graficos no 8.º Salão

As artes do desenho, no 8.º Salão Paulista de Arte Moderna, não oferecem ao observador uma perspectiva de maior desenvolvimento. Nos ultimos três anos temos observado essa expansão; agora, porém, o indice já não é tão favoravel aos graficos. Desenho e gravura figuram em menor numero, 57 peças, defrontando 91 oleos; mas se estatisticamente se pode a grosso modo frisar a diferença, qualitativamente se nos afigura menos importante a contribuição. Desenho e gravura pelos seus elementos mais representativos, como Grassmann, Alberniz, Arnaldo, e os mais novos, como Castelano, Vera Mindlin, ainda assinalam qualidades. Mas a gravura não se sobrepõe ao grupo da pintura, como já chegou a acontecer.

O fenomeno é explicavel e justo o resultado. O comparecimento de mais alguns nomes poderia equilibrar melhor o Salão, nesses aspectos. Mas isto não é essencial.

Na Galeria Prestes Maia, colocou-se em confronto o desenho de qualidade tecnica, mas frio e inexpressivo, de dona Regina Katz, ao lado das variações expressionistas e dramaticas, do mundo dos monstros, de Marcello Grassmann, desvelado em outros recantos do absurdo existencial, tudo servido por um grafismo primoroso, forte e denso quando é necessario, fluido e impalpavel, quando se faz preciso. Temperamentos opostos e concepções tão diversas despertam o inevitavel confronto. O governo da expressão está no trabalho mais ponderado de Aldemir Martins, que insiste nas modificações lentas de seu temario, objetivo, seguro, assinalando o desenho do nanquim em branco e preto com notações coloridas bem adequadas. O melhor desenho é o de n. 96. E o confronto volta de novo, pela proximidade fisica da parede e pela distancia da concepção: "A grande noite" de Fernando Odriozola mantém a fantasia metamorfoseada deste artista, embora neste unico trabalho enviado haja uma certa construção, que rouba de certo modo a importancia do imprevisivel de que ele é dotado e de que carrega a sua criação.

Marina Caram adensa a sua maneira de tratamento, sendo porventura "Exu" n. 139 o melhor conseguido neste enovelamento de traços com que ela está trabalhando. Em Saverio Castellano, os dois trabalhos coloridos perdem em intensidade e fantasia, o que é bem uma qualidade da gravura, para o preto e branco de "Aryes", n.º 146.

As gravuras de Arnaldo, porém, são todas em branco e preto, e aqui é a xilogravura n. 120, com maior amplitude tematica, a que se destaca. Nas outras duas, compraz-se o artista na ordenação de ritmos e variações de texturas a eles ligados, com raras interpolações dissonantes. Assim, a grande nota de Arnaldo é esta gravura 120, densa de misterio, quanto impregnada de uma grave poesia.

Daqui por diante só nos restam os mais novos, com Vera Bocaiuva Mindlin conquistando lentamente sua expressividade, no limbo das coisas, com delicadeza e severidade, penetrando na sombra e dela retirando o claro escuro... (Para que? perguntará o leitor. Recordamos, aqui, de uma frase de Max Jacob acerca de Rembrandt: "C'est l'humanité qui accouche dans une cave").

Uma gravura com lua vermelha de Decio Ferreira reclama citação, como nos merece menção a gravura de Dorothy Bastos, outra "recusada na Bienal", cuja gravura 129 escapa a uma ordenação e se decide pelo arbitrario, numa fantasia limpida e aventureira. Sobre Nilson Seoane escrevemos recentemente, quando de sua exposição na coletiva das "Folhas".